

MEMÓRIAS DE UMA INSTITUIÇÃO EM CONSTRUÇÃO – A NARRATIVA IMAGÉTICA DO IFRS-CAMPUS OSÓRIO (2010-2013)

MEMORIES OF AN INSTITUTION UNDER CONSTRUCTION – IMAGETIC NARRATIVES FROM IFRS CAMPUS OSÓRIO

Maria Augusta Martiarena de Oliveira*
augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

Marcelo Vianna**
marcelo.vianna@osorio.ifrs.edu.br

RESUMO: O presente artigo refere-se a um estudo realizado no âmbito do acervo fotográfico do IFRS-Campus Osório, a partir da institucionalização do Núcleo de Memória da instituição. Para tanto, objetiva-se analisar o acervo fotográfico produzido entre 2010 e julho de 2014, ou seja, os quatro primeiros anos de funcionamento do referido Campus. Para a realização de tal proposta, realizou-se um embasamento teórico-metodológico adequado para a compreensão da fotografia como fonte de pesquisa. Percebe-se que é fundamental ter em conta as particularidades que cercam tal acervo, tendo em vista as formas como se dá a produção fotográfica no âmbito da instituição. Espera-se viabilizar futuras pesquisas, com o intuito de preservar a história e a memória da instituição.

PALAVRAS CHAVE: Fotografias escolares, Fotografias digitais, História das instituições de ensino profissional.

ABSTRACT: This article refers to a study carried out within the scope of the IFRS-Campus Osório photographic collection, based on the institutionalization of the institution's Memory Center. To this end, the objective is to analyze the photographic collection produced between 2010 and July 2014, that is, the first four years of operation of the said Campus. To carry out the proposal, carry out an adequate theoretical and methodological basis for understanding photography as a research source. It is perceived that it is fundamental to take into account as particularities that surround the collection, having in view as ways how to produce a photographic production in the institution's scenario. It is hoped to make future research feasible, in order to preserve the institution's history and memory.

KEYWORDS: School Photographs, Digital Photographs, History of vocational education institutions.

Introdução

Pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, foram criados os institutos federais, uma novidade institucional que se baseia no princípio de verticalização, mas que, ao mesmo tempo, origina-se da antiga rede de Escolas Técnicas, Agrotécnicas e Centros Federais de

*Doutorado (2012) em Educação - linha de pesquisa Filosofia e História da Educação pela Universidade Federal de Pelotas e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

**Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do RS (2011 e 2016), este último com período sanduíche (CAPES), na Freie Universität Berlin em 2015. Atualmente atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, na coordenação do GT Acervos: História, Memória e Patrimônio e no grupo de pesquisas Laboratório de História Comparada do Cone Sul. Realizou pós-doutoral em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos.

Educação Tecnológica que se encontravam espalhados por todo o território nacional. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), originou-se a partir de união de três autarquias federais: o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Bento Gonçalves, a Escola Agrotécnica Federal de Sertão e a Escola Técnica Federal de Canoas. Incorporaram-se a ele também dois estabelecimentos que eram vinculados a Universidades Federais: o Colégio Técnico Industrial Prof. Mário Alquati (CTI), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e a Escola Técnica Federal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Conforme informações presentes no site¹, nesse processo de implantação foram federalizadas unidades de ensino técnico nos municípios de Farroupilha, Feliz e Ibirubá e criados os campi de Caxias do Sul, Erechim, Osório e Restinga. Atualmente o IFRS possui 17 campi: Alvorada, Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Farroupilha, Feliz, Ibirubá, Osório, Porto Alegre, Restinga (Porto Alegre), Rio Grande, Rolante, Sertão, Vacaria, Veranópolis e Viamão e a Reitoria é sediada na cidade de Bento Gonçalves, na Serra gaúcha.

O Campus Osório iniciou suas atividades em 2010, entretanto, torna-se fundamental ressaltar que seu processo de instalação foi iniciado durante a fase 2 do Plano de Expansão da Rede Federal. A proposta de implantação de uma Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) em Osório – RS, foi feita ao governo federal em 24 de abril de 2007. A cidade situa-se no Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul e emancipou-se da cidade de Santo Antônio da Patrulha em 1857.

Em comemoração aos dez anos de criação dos institutos federais, iniciou-se a constituição do Núcleo de Memória (NuMem) do IFRS, com ramificações nos *campi*, com o objetivo de desenvolver espaços, ferramentas e projetos de preservação da memória de forma sistemática e permanente. Destaca-se que a proposta de tal centro foi constituída a partir da Reitoria, enquanto os *campi* passaram a indicar seus representantes e estabelecerem iniciativas suas primeiras ações através de ações e projetos². Relativo ao IFRS

¹ O site do Instituto Federal do Rio Grande do Sul encontra-se disponível no site <www.ifrs.edu.br>. Acessado em 01.05.2020.

² O NuMem foi constituído em 2019 na Reitoria do IFRS e possui “papel estratégico na composição da identidade e da estabilidade institucional, no sentido de que o IFRS possa se auto reconhecer e autoafirmar como

Campus Osório, as atividades do NuMem iniciaram no ano de 2019, cujos objetivos consistiam em: discutir a trajetória do Campus e suas ações educacionais, percebendo suas diferentes propostas a partir do que foi identificado pelos acervos documentais analisados; identificar os agentes sociais envolvidos nesse processo; observar a inserção da instituição na cidade de Osório, observando como constituiu sua relação com a comunidade local, autoridades políticas, demais instituições de ensino; recuperar e preservar os acervos documentais identificados na pesquisa, especialmente fotografias e notícias disponíveis nos meios digitais.

O presente artigo insere-se nas atividades no NuMem e tem como finalidade analisar o acervo fotográfico produzido entre 2010 e julho de 2014, ou seja, os quatro primeiros anos de funcionamento do referido Campus. Tal recorte temporal, justifica-se pelo início das atividades, ocorrido em 2010. O ano de 2014, deve-se ao fato de que, enquanto trabalho árduo de identificação fotográfica, não seria possível abarcar mais do que quatro anos de produção iconográfica. Embora objetive-se compreender todo o acervo, bem como ampliá-lo, deve-se ressaltar que se refere a um extenso corpus documental. A salvaguarda de tais acervos reside em reconhecer os esforços às ações de preservação da história e da memória de instituições educacionais, percebendo que arquivos escolares oferecem possibilidades de leituras sobre os “vários discursos que são produzidos pelos atores educativos – professores, alunos, funcionários, autoridades locais e nacionais” (MOGARRO, 2005, p.77).

A partir da experiência que envolveu a identificação e recuperação de um acervo significativo sob guarda do setor de Comunicação, as pesquisas realizadas nesta etapa pelo NuMem viabilizarão pesquisas futuras tendo em vista que a investigação promove a organização e guarda dos objetos, sejam físicos ou virtuais, pois considera-se fundamental realizar ações com o intuito de proceder a preservação da história e da memória de instituições educacionais.

Fotografia e história das instituições educacionais

Instituições educacionais já se constituem há algumas décadas em objeto de estudo da área da História da Educação, notadamente a partir das pesquisas realizadas por Justino detentor do seu papel fundamental no desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica.” Disponível em < <https://memoria.ifrs.edu.br/>> Acessado em 01.05.2020.

Magalhães. Conforme o autor: “A escola é tema recorrente da história da educação. Abordada sob diversas perspectivas de informação e análise, a historiografia da escola vem sendo ampliada e renovada”, (MAGALHÃES, 2010, p.33). O presente estudo insere-se na perspectiva de um estudo de uma instituição educacional a partir da materialidade de seu acervo fotográfico. Nesse sentido, é importante refletir acerca do papel da memória na construção de uma instituição escolar. Conforme Pollak (1989, p.8), o autor afirma sobre memória nacional: “Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum”. É possível fazer uma analogia entre a história nacional e a institucional, tendo em vista a estreita relação da intencionalidade de viabilizar unidade ao grupo que representam.

Ainda que, por algumas gerações, as fotografias tenham sido consideradas como elementos complementares na pesquisa em História e História da Educação, atualmente há uma ampla gama de estudos que a utilizam como objeto ou mesmo como fonte de pesquisa. Seus usos são justificáveis, tendo em vista serem – dentro de uma História Visual – vetores para investigação das formas de organização, funcionamento e transformação de uma sociedade (MENESES, 2003), interpretação possível de ser transposta aos estudos sobre instituições escolares e suas comunidades. Segundo Napolitano (2005), as fontes audiovisuais carregam as evidências e as representações próprias dos documentos históricos, exigindo-se superar as percepções de imparcialidade ou transparência para reconhecer as diferentes interpretações que podem ser estabelecidas. No caso da fotografia, em princípio, graças a sua característica técnica, ela foi considerada por muitos como constatação de veracidade, utilizada como forma de comprovação de determinados argumentos. Tal apreensão desse objeto, acarretou um grande debate sobre tais características.

Pesquisadores como Burke (2004), Dussel (2018), Fontcuberta (1997) e Bauret (2010), oriundos de diferentes áreas, dedicaram-se a problematizar a veracidade da fotografia. Para Fontcuberta (1997, p.12): “A história da fotografia pode ser contemplada como um diálogo entre a vontade de nos aproximar do real e a dificuldade para fazê-lo”. A pretensa realidade atribuída à fotografia em um processo inicial, foi posteriormente problematizada a partir da realização de crítica às fontes. Burke (2004) apontou a

necessidade de conhecer-se as fragilidades da fotografia para viabilizar a sua utilização enquanto fonte de pesquisa. Nesse sentido, os diferentes estudiosos anteriormente mencionados, concordam com o fato de que a fotografia não é a reprodução da realidade e todos, em diferentes áreas e de diferentes formas, dedicaram-se a desmembrar os meandros e escolhas que tecem a trama fotográfica.

Deve-se ter em conta que, a inserção da fotografia ao arcabouço dos historiadores ocorreu com algumas décadas de antecedência em relação à sua integração às fontes de pesquisa dos historiadores da educação. Meda (2018) aponta para o fato de que o uso de imagens, em particular da fotografia, ingressou no debate historiográfico internacional, na área da História da Educação, no ano 2000, a partir da publicação de textos de Ian Grosvenor sobre o tema.

Schwacz (2012), Kossoy (2012), Ciavatta (2002) e Mauad (2008), propuseram-se, em esfera nacional, traçar metodologias e possibilidades para o estudo histórico da fotografia. De acordo com Schwarcz (2012, p.10): “[...] aqueles que manejam as lentes não simplesmente copiam o que veem: selecionam, recortam e impõe um olhar específico para tudo aquilo que captam com suas máquinas”. Nesse sentido, a historiadora afirma que as fotografias não são ingênuas, mas carregam, por vezes, estruturas narrativas e intencionalidades, o que nega por completo a sua compreensão enquanto objeto neutro, meramente técnico. Desta forma, para a análise das fotografias, notadamente de conjuntos fotográficos como o que aqui se apresenta, faz-se necessária a formação de “olhares preparados e sensíveis para sua compreensão, em termos de informação, conhecimento e experiência” (KOSSOY, 2012, p.22). Ainda conforme o autor, deve-se perceber que as imagens se articulam dentro de um “conjunto de elementos materiais e imateriais reunidos pelos seus autores; são pensadas, construídas, codificadas” (KOSSOY, 2012, p.22). Isso traz o desafio interpretativo sobre o ato fotográfico em um espaço escolar, identificando as diferentes intencionalidades dos autores, como o registro de determinados eventos considerados “importantes” por seus produtores, o que gera mesmo uma hierarquização entre as fotografias do acervo.

Além disso, é necessário perceber as especificidades da produção fotográfica através dos meios digitais. Como observou Walter Benjamin (2018), a fotografia possibilitou deslocar o valor de “culto” da imagem para um valor de exposição, muitas vezes mediada

pela interpretação oferecida pelo reprodutor, como a Imprensa. No caso das fotografias digitais, popularizadas a partir dos anos 2000, essa intencionalidade foi ressignificada – para Van Dijck (2008), as fotografias digitais trouxeram aos indivíduos (especialmente entre os mais jovens) uma forma dinâmica de expressar suas experiências, sendo que muitos dessa produção imagética se torna pública através de *blogs* ou redes sociais. Ainda que muitas vezes efêmeras – seja por sua quantidade e descarte, seja pela breve circulação em *stories*³ – as fotografias digitais, com uma amplitude maior do que as impressas, contribuem para formar identidades sociais, de modo a revelar valores comuns de grupos ou instituições, podendo ainda serem consideradas como memórias pictóricas de um período.

Com relação à leitura de imagens, deve-se ter em conta que:

Quando lemos imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas – atribuímos a ela o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio, conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável). (MANGUEL, 2009, p.27).

O acervo fotográfico do IFRS-Campus Osório

Assim como os institutos federais são instituições que apresentam determinadas singularidades, a tipicidade de seu acervo fotográfico também precisa ser mencionada. Considera-se fundamental diferenciar os acervos fotográficos da grande maioria das instituições educacionais do acervo fotográfico de um *Campus* de um Instituto Federal ou mesmo de uma universidade. Os Institutos Federais foram criados em 2008, pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Tendo em vista sua estreita relação com o governo que então os criava, quase que diretamente, os *campi* converteram-se em elementos de propaganda governamental. Nesse sentido, no caso do Instituto Federal do Rio Grande de Sul, tanto a Reitoria como os Campi foram munidos de profissionais da Comunicação Social e do Audiovisual.

Em 04 de outubro de 2010, a primeira jornalista que atuou no Campus Osório, apresentou-se por meio do e-mail institucional, informando as diretrizes que pautariam a

³ Stories são publicações que ocorrem em diferentes redes sociais, notadamente Instagram e Facebook. Tais publicações permanecem disponíveis por apenas 24 horas.

sua atuação no que se refere à comunicação interna e externa da instituição⁴. Em janeiro de 2012, a segunda jornalista passou a trabalhar no Campus Osório. Ressalta-se, dessa forma, que, diferentemente de acervos fotográficos escolares, em sua maioria produzidos pelo corpo docente das instituições, de forma amadora, o IFRS conta com profissionais. Além disso, uma parte considerável das fotografias produzidas são veiculadas em notícias publicadas no site institucional, seja do Campus, ou até mesmo da Reitoria. Tal institucionalização da produção fotográfica, tende a aproximar o acervo mais da fotografia cerimonial que da fotografia cotidiana. Destaca-se, ainda, que mesmo as fotografias produzidas por docentes ou estudantes inserem-se no crivo institucional: ainda que não possuam a mesma qualidade técnica, elas foram muitas vezes selecionadas por estarem relacionados a projetos ou programas de extensão, ensino ou pesquisa.

Independente de ser produzida de forma amadora ou por profissionais, as fotografias escolares geralmente constituem-se em representações mais vinculadas à compreensão de uma identidade institucional do que sobre o cotidiano escolar. Contudo, a fotografia criada por um profissional da área que apresenta um conhecimento técnico, é capaz de atender com mais propriedade, os interesses institucionais sobre seus elementos identitários. Nesse sentido, concorda-se com Burke (2004, p.29): “A expressão ‘câmara inocente’, cunhada na década de 1920, levante um aspecto genuíno, embora a câmara tenha de ser empunhada por alguém e alguns fotógrafos sejam mais inocentes que outros”. O profissional da Comunicação Social pode não ser menos inocente, mas é mais capacitado e detentor de conhecimento necessário para selecionar elementos imagéticos que atendam às intencionalidades institucionais.

Deve-se ter em conta, ainda, que o acervo fotográfico do Campus Osório requer um olhar para além daquele lançado para acervos fotográficos institucionais. Torna-se fundamental estudar o *corpus* documental a partir de uma perspectiva do fotojornalismo. Conforme Bauret (2010), a produção fotográfica é notadamente dominada por dois gêneros: a reportagem (fotografia documental) e o retrato. Foi nas últimas décadas do século XIX que, segundo Freund (2008), iniciou-se uma nova era, tendo em vista que, até então, raramente

⁴ Deve-se observar, no entanto, que desde o início das atividades do Campus Osório já havia uma preocupação dos primeiros servidores e estudantes em realizarem registros fotográficos das atividades ocorridas no espaço escolar. São ações que revelam a preocupação em registrar a experiência individual e institucional, facilitadas pelos meios digitais.

eram publicadas fotografias na imprensa. Para essa autora, a introdução da foto na imprensa é um fenômeno extremamente importante, pois inaugurou os *mass media* visuais, convertendo-se em um poderoso meio de propaganda e de manipulação.

Por sua vez, a circulação das imagens dos *mass media* visuais, como um dos efeitos da reprodutibilidade técnica de nossos tempos (BENJAMIN, 2018), foi reforçada pelas fotografias digitais. Ao contrário dos meios tradicionais, que transferem ao fotógrafo a responsabilidade de selecionar o momento decisivo para captura da imagem, uma máquina digital traz uma maior liberdade ao disparar e capturar uma sequência de imagens em uma grande quantidade. Isso leva o autor a se despreocupar com o erro, que levaria à inutilização de filmes fotográficos, desperdícios de horas em um laboratório de revelação) haja uma seleção de imagens consideradas representativas para as matérias jornalísticas (aquelas que se tornarão públicas no site institucional e nas redes sociais). Mas vale dizer que, no caso da Comunicação Social do Campus Osório, o ato de seleção para produção de matérias não significou descartes – um indício de que o valor de culto das fotografias, próxima de uma memória que visa preservar os rostos dos indivíduos que transitaram pela instituição – possibilitando formar um acervo significativo em interesse histórico⁵.

Desse modo, o acervo fotográfico produzido entre 2010 e julho de 2014 contabiliza 20.356 fotografias⁶. Tal quantitativo em tão curto período de tempo, evidentemente, só seria possível em um acervo inteiramente digital, como o é o do Campus Osório. Tais fotografias encontram-se distribuídas da seguinte forma (gráfico 1):

⁵ Hoje, por meio da divulgação nas redes sociais, iniciou-se a constituição de um acervo fotográfico produzido pela comunidade escolar que, entretanto, se encontra pulverizado. Logo, a constituição do acervo fotográfico do IFRS ainda recai, em sua maioria, na produção institucionalizada. No entanto, há uma preocupação do Núcleo de Memória do IFRS – Campus Osório em criar estratégias para possibilitar que estudantes, egressos, servidores e ex-servidores do campus possam contribuir com suas fotografias, como a ação Memórias Afetivas, ainda não iniciada.

⁶ Um dos objetivos do Núcleo de Memória do IFRS – Campus Osório é proceder a catalogação e identificar possíveis repetições no acervo.

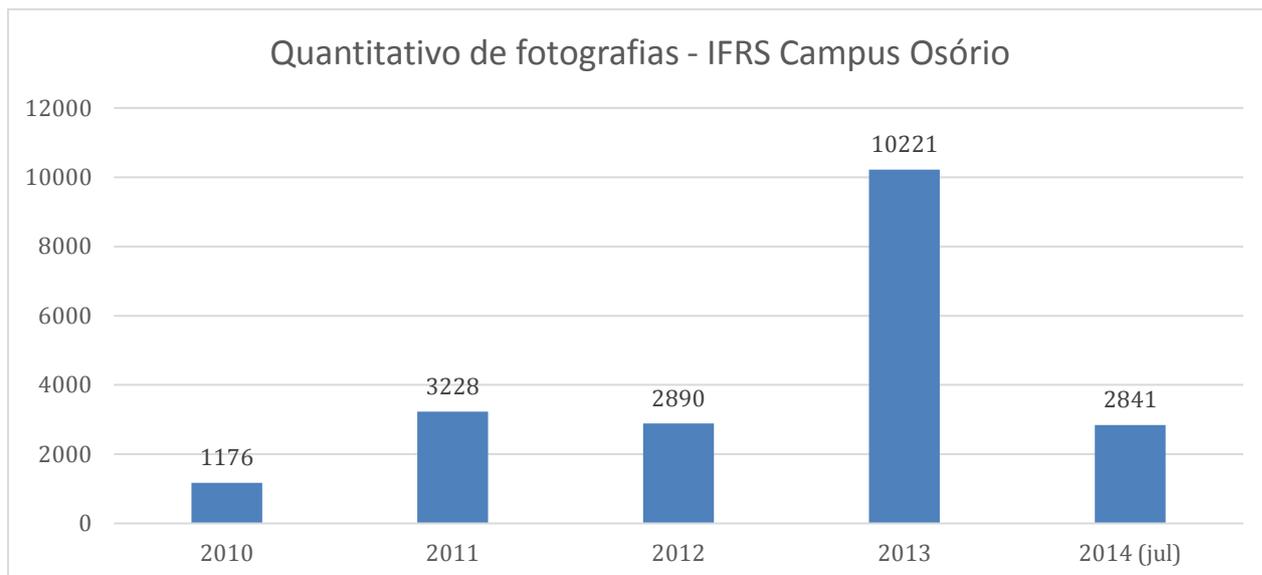


Gráfico 1 – Quantitativo de fotografias (2010 a julho de 2014)

Fonte: Levantamento preliminar no acervo fotográfico digital do Núcleo de Memória IFRS – *Campus Osório*.

A tabela acima apresenta o quantitativo de fotografias produzidas entre 2010 e julho de 2014, divididas com base no ano em que foram produzidas. Faz-se necessário salientar que as atividades do Campus Osório foram iniciadas em agosto de 2010, logo, há poucas fotografias de período anterior a isso, o que justifica a existência de um número menor de fotografias no ano de 2010. Além disso, como optou-se por estudar apenas os quatro primeiros anos de funcionamento da instituição, identificou-se apenas as imagens até julho de 2014, logo, os dados apresentados desse ano referem-se apenas ao primeiro semestre, logo, também se justifica o quantitativo menor.

Ao verificar os quantitativos, percebe-se que apenas 5,78% das fotografias foi produzida em 2010, enquanto 15,85% em 2011, 14,2% em 2012, 50,21% em 2013 e 13,95% em 2014 (até julho). Verifica-se que o ano de 2013, foi o ano de maior produção fotográfica, tendo em vista a realização de um maior número de ações no IFRS-*Campus Osório*, entre elas a própria inauguração do novo campus (agosto de 2013) e a posterior transferência das atividades letivas para as novas instalações. Por fim, vale observar que a partir de 2014, os números de fotografias apresentam uma tendência de superar os anos anteriores (exceto 2013), o que sugere relação com o desenvolvimento do campus, a partir do surgimento de novos cursos (Curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais) e o crescimento do número de estudantes e de servidores, envolvendo um maior número de atividades a serem registradas.

Para compreender as características do acervo e facilitar a sua análise, optou-se por dividir as fotografias em três categorias: o espaço escolar, as atividades escolares e outros. A primeira categoria intitulada “espaço escolar”, contempla 4,9% do acervo, sendo dividida em subcategorias relacionadas a espaços internos (salas de aulas, por exemplo) e externos. A segunda, denominada “atividades escolares”, por sua vez, representa boa parte das fotografias, perfazendo 91% do acervo fotográfico, divididas nas subcategorias “cotidiano escolar” e “eventos/cerimônias”. Por fim, existe uma terceira categoria criada para casos que ainda carecem de melhor identificação ou porque não se relacionam diretamente às categorias anteriormente mencionadas: intitulada “outros”, ela representa 4,1% do acervo.

Imagens de espaços escolares: a constituição e afirmação de uma instituição pela sua materialidade

As fotografias identificadas como relacionadas com a temática espaço, encontram-se distribuídas da seguinte forma, com base nos anos:

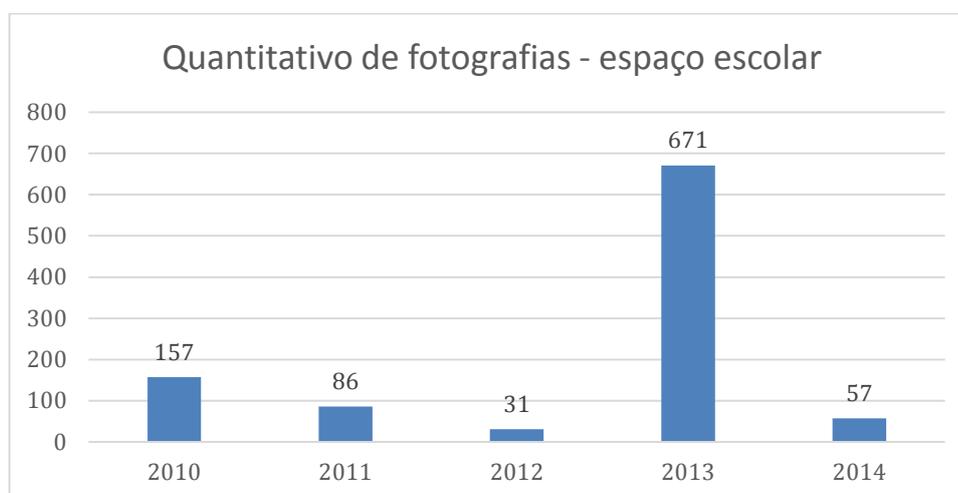


Tabela 2 - Quantitativo de fotografias relativas ao espaço escolar (2010 a julho de 2014)

Fonte: Levantamento preliminar no acervo fotográfico digital do Núcleo de Memória IFRS – *Campus Osório*.

Ao observar a tabela acima, percebe-se que tanto 2010 como 2011, tiveram uma produção maior de fotografias, ultrapassada apenas por 2013, ano que se destacou no número de fotografias em todas as categorias. O estudo de acervos fotográficos escolares e mesmo institucionais, viabiliza a compreensão de como os espaços são fundamentais para caracterizar e promover o processo de identidade institucional durante os primeiros anos de funcionamento. Nesse sentido, ainda que o acervo contemple um menor número de

fotografias se comparado às que registraram atividades escolares, tal perspectiva torna-se relevante para compreender a preocupação da instituição em produzir registros desses espaços nos primeiros anos de funcionamento da instituição. Deve-se ter em conta, ainda, que, como já mencionado anteriormente, as fotografias de 2010 contemplam praticamente somente o segundo semestre, o que demonstra, proporcionalmente, uma produção maior do que 2011. Logo, existia uma preocupação em registrar os espaços escolares no primeiro ano de funcionamento do Campus Osório. Nesse mesmo sentido, o ano de 2013 marcou a instalação no prédio próprio, o qual passou a ser um objeto a ser retratado.

Destaca-se, ainda, que das fotografias de espaços, apenas 217 se referem a espaços internos, enquanto o restante dedica-se aos espaços externos. Considera-se importante, quando da reprodução das imagens dos espaços escolares, refletir sobre o que afirma Escolano (2000), quando diz que o edifício-escola é uma variante da chamada arquitetura institucional, mas apresenta uma determinada força semântica através dos signos e símbolos que exhibe. Entendê-las exige perceber a arquitetura escolar como um programa, uma espécie de discurso materializado, que promove um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e racionalidade, os quais se constituem em marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e ideológicos (ESCOLANO, 2000). Mesmo a localização de um prédio escolar envolve critérios de ordem higiênica e moral (FRAGO, 2000), exigindo uma série de operações dos proponentes, levando-se em conta, por exemplo, a seleção de lugares elevados, secos, bem arejados e com sol.

No entanto, se há traços comuns nos conceitos que orientam um espaço escolar, foi inegável perceber os tempos distintos que orientaram a organização do antigo e do novo campus Osório. Verifica-se, por exemplo, a figura 1, a qual se refere a uma fotografia da fachada do prédio provisório em que a instituição esteve instalada entre 2010 e 2013.



Figura 1 – Fachada do prédio provisório do IFRS-Campus Osório
Fonte: Pasta 2010, Subpasta Escola - Acervo Fotográfico do IFRS-Campus Osório

Ao observar a fotografia, percebe-se que ela foi tomada a partir de um ângulo oblíquo, que possibilitou uma impressão de maiores dimensões com relação à fachada da instituição. A viatura oficial, forma uma nova linha, no sentido em que se posiciona a frente dos mastros e das árvores da casa vizinha. Mesmo que tal prédio não fosse próprio, percebe-se o interesse de reforçar um tamanho maior e de apresentar representações da rede federal de educação profissional e tecnológica. Observa-se, por exemplo, a cor verde da pintura da parede, bem como o logo da rede federal e a indicação de qual instituto federal ali se encontrava.

Como foi mencionado anteriormente e com base nas informações presentes no histórico do *Campus* em seu site⁷, a instalação da instituição no município fez parte da fase 2 do Plano de Expansão da Rede Federal, cuja proposta foi feita ao governo federal no dia 24 de abril de 2007, que objetivavam receber uma escola técnica de âmbito federal. Destaca-se que tal data antecede em um ano a criação dos institutos federais. Em 5 de setembro de 2007, o Ministério da Educação anunciou a relação dos 150 municípios brasileiros que receberiam uma escola técnica dentro do Plano de Expansão da Rede Federal. A Prefeitura Municipal de Osório doou um terreno, localizado na Av. Santos Dumont, 2127, no bairro Albatroz. O então Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (CEFET-BG) supervisionou todo o processo de instalação da UNED em Osório, instalada, já como

⁷ Disponível em <<https://ifrs.edu.br/osorio/institucional/historico-do-campus-osorio>> Acesso em 20.04.2020.

instituto federal, apenas em 2010.

Quando da instalação, o prédio próprio não havia sido concluído. Logo, a Prefeitura Municipal cedeu o prédio que então pertencia a Escola Municipal de Ensino Fundamental Oswaldo Amaral, a qual havia sido instalada em prédio novo. A figura 1, refere-se ao prédio cedido, o qual foi reformado para receber a instituição. Deve-se ter em conta que, ao mesmo tempo em que tal prédio representou a materialidade da instituição pelo período de quase três anos, ele não se constituiu no ícone da materialidade, tendo em vista que o prédio próprio pode ser considerado aquele que conta com todos os elementos da arquitetura escolar que representou a instalação de um instituto federal.

A figura 2, diferentemente da figura 1, retrata a fachada da instituição. Seu projeto atendia a um modelo nacional, o qual pode ser encontrado em diferentes lugares do país, verificando-se apenas algumas diferenças conforme a fase em que o Campus foi instalado.



Figura 2 – Fachada do IFRS-Campus Osório

Fonte: Pasta 2013, Subpasta Câmpus - Acervo Fotográfico do IFRS-Campus Osório

Na figura 2, retrata-se a fachada do prédio próprio do IFRS-Campus Osório. Observa-se o portão de entrada, cuja pintura se divide entre o vermelho, presente também no logo e um cinza claro. O nome da instituição ocupa lugar de destaque. De um dos lados, o portão para os pedestres, de outro, para os carros. Atrás, verifica-se o prédio A (administrativo), no qual conta-se com o auditório, ao centro, a Biblioteca, à esquerda, bem como salas da administração, à direita. Sua arquitetura se contrapõe em parte ao campus

antigo (figura 3), onde um pátio central concentrava (e restringir a circulação) dos estudantes em um modelo panóptico⁸. O novo campus (figura 4 e 5) traz espaços especializados (como auditório e laboratórios) e ausência de um pátio central, alternando gramíneas e piso entre os intervalos dos prédios A e B (salas de aula, sala dos professores, Direção de Ensino). De certo modo, as novas disposições arquitetônicas contribuem para que a instituição escolar supere sua forma de organização original, normalmente voltada para si (DAYRELL, 1999): ao oferecer locais diversificados para atividades, estabelece-se uma melhor integração e usufruto do espaço escolar, podendo influenciar docentes e instituição a repensarem suas práticas pedagógicas.



Figura 3 – Pátio interno do prédio antigo – IFRS *Campus* Osório

Fonte: Pasta 2011, Subpasta Dias das Mães 07maio2011- Acervo Fotográfico do IFRS-*Campus* Osório

⁸ Conforme Michel Foucault (1987), o modelo ou dispositivo panóptico foi idealizado pelo jurista inglês Jeremy Bentham em 1791, como um espaço prisional que permite, através da sua arquitetura circular, a um indivíduo vigiar os detentos a partir de uma posição central, sem que estes tenham certeza que estão efetivamente sendo observados. Essa incerteza gera o temor em desrespeitar o comportamento desejado pelo sistema prisional, levando os indivíduos a um respeito automático ao poder estabelecido. Em síntese, aplicado a prisões, escolas, hospitais e outras instituições sociais, o dispositivo panóptico “organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 1987, p.224), produzindo um efeito consciente de vigilância daqueles que se encontram no espaço.



Figura 4 e 5 – Espaços do novo campus (prédio de aulas, entrada do campus) – IFRS *Campus* Osório
Fontes: Pasta 2014, Subpastas Maio – Câmpus Gabriela (figura 4) e Junho – Ensaio Quadrilha (figura 5)

- Acervo Fotográfico do IFRS-*Campus* Osório

Entre o cerimonial e o ordinário: as atividades escolares através das fotografias

As atividades escolares concentram boa parte dos registros fotográficos, o que não é por acaso. As práticas relacionadas ao cotidiano escolar e eventos/cerimônias inserem-se no âmbito da cultura escolar, considerada por Julia (2001, p.10):

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Para facilitar o processo de categorização, optou-se por compreender atividades do cotidiano escolar todas aquelas relacionadas com práticas curricularizadas. Com relação às atividades caracterizadas como eventos/cerimônias, considerou-se todas aquelas que não estivessem inseridas no âmbito do currículo escolar. Além disso, como na instituição existem outros espaços que não necessariamente aqueles vinculados à sala de aula, práticas de uso corrente foram consideradas como cotidiano escolar. Com base nessa divisão, é possível sintetizar seus quantitativos no gráfico abaixo:

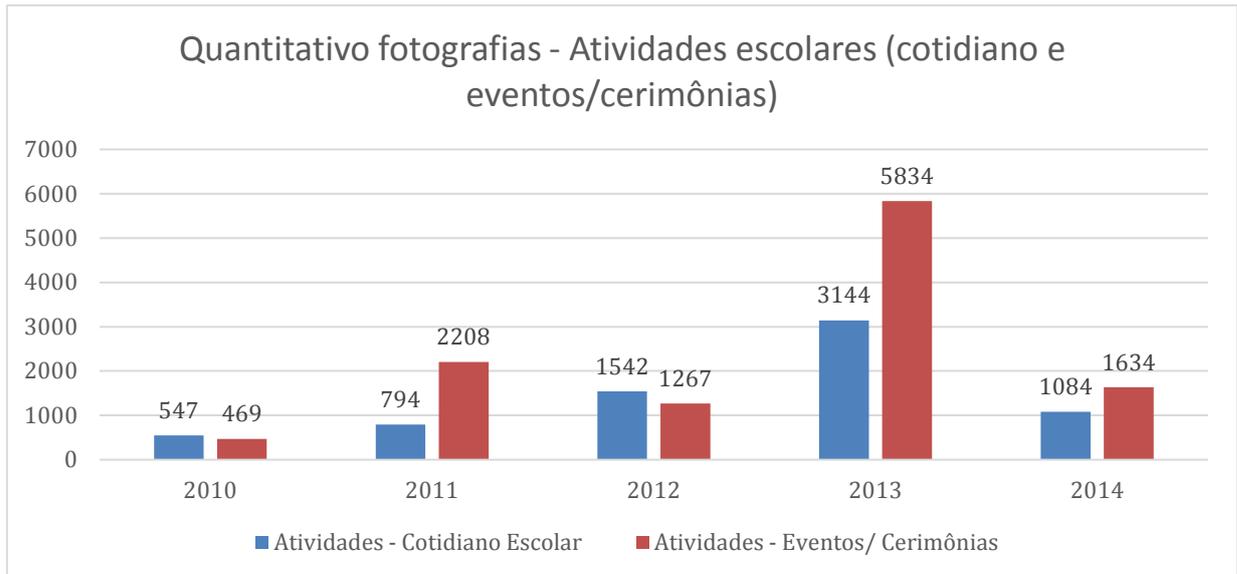


Gráfico 3 - Quantitativo de fotografias relativas às atividades escolares (2010 a julho de 2014)
 Fonte: Levantamento preliminar no acervo fotográfico digital do Núcleo de Memória IFRS – *Campus Osório*.

Há importantes considerações sobre a distribuição das fotografias. Pode-se perceber que as fotografias relacionadas com as atividades ligadas ao cotidiano escolar, como aquelas vinculadas a eventos ou cerimônias, são em maior número no ano de 2013. No entanto, há uma prevalência dessa última perspectiva no *corpus* imagético, que destaca a preocupação em registrar o caráter solene das atividades escolares do Campus Osório. Faz-se necessário mencionar que, costumeiramente, acervos escolares contam com mais fotografias relacionadas a comemorações. Isso porque as fotografias envolvem operações de produção e de seleção, sendo definidas pelos seus produtores (jornalistas, diretores de escolas, pedagogos) aquelas que melhor devem representar os valores da cultura escolar que orientam uma instituição de ensino.

Naturalmente, essas representações variam conforme o contexto histórico do espaço escolar. Ela pode ser exemplificada pelas escolas de elite nos grandes centros urbanos no início do século XX, que preconizavam os ideais civilizatórios europeus através de álbuns fotográficos (MARTIARENA DE OLIVEIRA, 2012). Outro exemplo são os registros fotográficos de desfiles comemorativos à Independência do Brasil, que enfatizam “prestígio, dedicação, fidelidade e devoção da instituição escolar pública à pátria”, (BENCOSTTA, 2011, p.405), especialmente em momentos de autoritarismo político. Mesmo com advento da fotografia digital, a preocupação em registrar momentos cívicos e cerimoniais, como aulas inaugurais, visitas a entidades sociais, formaturas, certamente traduzem melhor os valores

que uma instituição escolar procura instituir e divulgar à sociedade.

No caso do IFRS campus Osório, a lógica é similar, como pode ser percebida nas fotografias abaixo (figuras 6 e 7):



Figuras 6 e 7 – Formatura das primeiras turmas de Ensino Médio Subsequente em Administração e em Guia de Turismo (2012) e certificação de curso das turmas do Pronatec dos municípios de Osório, Tramandaí e Capivari (2013).

Fontes: Pasta 2012, Subpastas 02-Fevereiro – Formatura escola (figura 6) e Pasta 2013, Subpastas Dezembro – Formatura Pronatec Osório, Tramandaí e Capivari (figura 7) - Acervo Fotográfico do IFRS-Campus Osório

As fotografias evidenciam cerimônias alusivas a conclusões de cursos. Há uma preocupação das instituições de ensino que estes atos sejam públicos, assim como boa parte dos estudantes que participaram dessas cerimônias. No caso do IFRS Campus Osório, assim como outros institutos federais, é de interesse apresentar publicamente seus formandos à sociedade, como prova de seu compromisso com uma educação emancipatória, que alia conhecimento técnico à capacidade de reflexão crítica dos estudantes, preparatória para o mundo do trabalho (FRIGOTTO, 1995). Nesses momentos formais capturados pelas fotografias, nos quais todos vestem algum uniforme, há pouco espaço para o espontâneo: embora haja felicidade entre os estudantes, a comemoração só vem ao final, quando os agora formados se desfazem das togas ou mostram seus certificados de conclusão, em meio

aos seus mestres. Aos olhos do historiador, as fotografias representam um momento de afirmação institucional, no qual cumpre suas contrapartidas sociais e justifica sua existência na região do Litoral Norte, através do oferecimento de cursos de Ensino Médio Subsequente e de cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), visando a formação ou qualificação profissional. Mas as fotografias (e a divulgação de parte dela através do site institucional⁹) notabilizam-se pela falta de dissenso, nos quais distintos percursos escolares (com várias experiências de fracasso) e diferentes origens sociais (estudantes trabalhadores, aposentados, desempregados) encontram-se encobertos pela cerimônia, o que exige atenção ao desvelar as ausências e as contradições desse processo de formação.

Por sua vez, embora as atividades ligadas ao cotidiano escolar contassem com menos fotografias do que “eventos/cerimônias”, salvo os anos 2010 e 2012, não se pode ignorar sua importância. É inegável que a fotografia digital, através de diferentes meios (máquinas digitais e câmeras de aparelhos celulares), trouxe a possibilidade de outros agentes – estudantes em sua maioria – constituírem suas próprias narrativas imagéticas (VAN DJICK, 2008) sobre o espaço escolar. Isso promoveu o aumento da produção fotográfica relacionada às práticas cotidianas, consideradas ordinárias e que, em momentos anteriores, raramente seriam retratadas. Isso é possível observar através da produção dos estudantes e servidores no primeiro ano de funcionamento do campus (2010), chegando haver uma pasta de fotografias inteiramente produzidas por uma estudante.

Ressalta-se que, quando da fundação do Campus Osório, o que poderiam ser consideradas práticas ordinárias, ganhavam status de novidade. Logo, existe um olhar mais cuidadoso sobre o cotidiano, considerado uma novidade, já que eram os primeiros alunos, as primeiras aulas (figura 8), as primeiras visitas à biblioteca, entre outros. Posteriormente, as fotografias produzidas pelos estudantes, assim como por servidores, geralmente estavam vinculadas a algum projeto ou núcleo, enquanto boa parte das fotografias do cotidiano escolar do IFRS Campus Osório passava a ser produzido pela Comunicação Social (ou por ela orientado).

⁹ Disponíveis em <<https://osorio.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=1&sub=505>> e <<https://osorio.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=1&sub=1159>>. Acesso em 01.05.2020.



Figura 8 – Estudantes do Ensino Técnico Subsequente ao Médio em Guia de Turismo em aula (2010)
Fonte: Pasta 2010, Subpasta Escola - Acervo Fotográfico do IFRS-Campus Osório

Ainda assim, fotografias relativas ao cotidiano escolar constantes no acervo trazem maiores possibilidades interpretativas. Para Dayrell (1999), a sala de aula ainda é o espaço privilegiado da relação entre docentes e estudantes, sendo permeado por uma trama de relações e sentidos, onde se constituem hierarquias sociais, disposições físicas (organização das carteiras, proximidade entre os alunos), modelos de comportamento (alunos comportados, bagunceiros), práticas de ensino e aprendizagem. Na fotografia acima, é possível a partir da primeira observação sobre os estudantes ali retratados (integrantes das primeiras turmas do campus em 2010), especular sobre suas trajetórias escolares anteriores, suas origens sociais e seus *habitus*¹⁰. Obviamente que uma devida apreensão deve envolver como eles – estudantes mais velhos, concentrados na execução de uma tarefa – foram percebidos pela cultura escolar do período e que relação foi estabelecida, com diferentes formas de integração. Tais análises certamente ganharão força a partir de outras comparações e relações com o *corpus* documental, a fim de estimar o quanto integravam-se às atividades escolares, por exemplo.

Certamente que as fotografias alusivas ao cotidiano escolar não se limitam à sala de aula. Atividades em laboratórios, reuniões pedagógicas, viagens técnicas e mesmo

¹⁰ Neste artigo adotamos o conceito de *habitus* proposto por Pierre Bourdieu (2001), considerando-o um “sistema de disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2001, p.191).

momentos de descontração, como confraternizações entre servidores ou festas de turmas no ambiente escolar acabaram tornando-se fotografias do acervo do IFRS Campus Osório. Além das possibilidades interpretativas para estudos sobre culturas e práticas escolares (VIDAL, 2006), podem contribuir como recursos para estabelecimento de um programa voltado aos estudantes egressos e antigos servidores da instituição. Cada experiência traz em si uma dimensão da memória coletiva, um processo social de lembrança e esquecimento que envolvem os indivíduos (HALBWACHS, 2017; POLLAK, 1989), que pode ser mobilizada através de suportes materiais, como fotografias de época. Justamente pelas fotografias do cotidiano escolar serem ordinárias, podem despertar em depoentes evocações que permitam melhor compreender práticas e condutas do ambiente escolar do período, as redes sociais acessadas ou mesmo as expectativas que tinham no contexto da cultura escolar do IFRS Campus Osório.

Por fim, com relação às fotografias que foram categorizadas como “Outros”, elas nos trazem alguns desafios. Em número de 829 fotografias, elas encontram-se pulverizadas em diferentes assuntos que muitas vezes não guardam relações diretas com o IFRS-Campus Osório. Nesse sentido, as fotografias do Parque Eólico situado no município de Osório parecem ininteligíveis ao contexto escolar, mas pode demonstrar a preocupação da instituição em constituir alguma relação de proximidade (para visitas técnicas, para palestras). Por sua vez, há fotografias de servidores, de estudantes e de eventos isolados, sem local ou período definido, exigindo um posterior trabalho de identificação. Enfim, uma última subcategoria é constituída por fotografias prosaicas, como imagens de botons ou de luminárias, que se encontram preservadas por possivelmente guardar uma relação com alguma atividade pedagógica. Mas estranheza à parte, isto pode indicar um elevado grau de preservação do acervo fotográfico. Cabe agora ao NuMem no IFRS Campus Osório avançar nas atividades de catalogação, identificação das pastas virtuais e realizar descarte de arquivos repetidos. Deste modo, os números apresentados neste artigo podem ser modificados conforme avancem os trabalhos.

Considerações finais

A constituição de um acervo fotográfico digital constitui-se em elemento deveras frutífero para o estudo da história e da memória das instituições escolares. Se

preservados e organizados adequadamente, configuram-se em fontes extremamente ricas. O presente estudo apresenta-se como uma das primeiras incursões realizadas pelo Núcleo de Memória do IFRS-*Campus* Osório no extenso acervo fotográfico pertencente à instituição. Para a realização deste artigo, realizou-se um empenho no sentido de dar organicidade e categorizar o corpus documental restrito no recorte temporal de 2010 a 2014.

A substituição da fotografia analógica, impressa em suporte de papel, para a digital incide nos acervos, como o que é objeto do presente estudo, seja no número total de fotografias, seja na distribuição das fotografias por temáticas. Percebe-se, então, que existem permanências e mudanças nas formas de produzir fotografias. Como continuidade, por exemplo, pode-se citar o fato de que as fotografias dos espaços ainda são predominantes nos anos iniciais de funcionamento da instituição e mesmo no ano em que o *Campus* se instalou em seu prédio próprio.

Como mudança, verifica-se que existe um número expressivo de imagens que se referem ao cotidiano escolar, tendo em vista que as mesmas costumeiramente eram restritas em acervos de fotografias impressas, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Ao mesmo tempo, como permanência, as fotografias relacionadas a eventos e comemorações, ainda se constituem uma maioria. Nesse ponto, é importante ter em conta determinadas características do acervo: trata-se de um acervo institucionalizado, organizado em um setor de comunicação. Logo, a preservação, ainda que digital, de tais imagens, encontra-se relacionada às diretrizes que a área de comunicação define como padrão institucional. Encontra-se, então, uma justificativa para o número mais elevado de imagens de comemorações e eventos.

O estudo de um acervo com as características peculiares que permeiam os Institutos Federais promove uma perspectiva diferente de análise, além de avançar no sentido de propostas de pesquisas com fotografias digitais. Espera-se, com o início da organização, categorização, caracterização e futura disponibilização, incentivar a realização de pesquisas e de atividades de ensino e extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAURET, Gabriel. *A Fotografia: história, estilos, tendências e aplicações*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BENCOSTTA, Marcus L. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. In: *História*, v. 30, n.1, p.369-411. 2011.

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: LP&M, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5.ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: _____ (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DUSSEL, Inés. La Verdad en la Imagen Propagandística. Reflexiones sobre nn Corpus Enigmático (Westerbork, 1944). *Historia y Memoria de la Educación*, n. 8 (2018): 23-58. DOI: 10.5944/hme.8.2018.20411
- ESCOLANO BENITO, Agustín. *Tiempos y Espacios para la Escuela*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. S. L., 2000.
- FONTCUBERTA, Joan. *El beso de Judas. Fotografía y verdad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 27.ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2017
- JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 16 fev. 2012
- KOSSOY, Boris. Um olhar sobre o Brasil: uma reflexão. In: In: KOSSOY, Boris; SCHWARCZ, Lilia. *Um olhar sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.22-38.
- MAGALHÃES, Justino. *Da Cadeira ao Banco: Escola e Modernização (Séculos XVIII-XX)*. Lisboa: Educa & Ui&dCE, 2010.
- MARTIARENA DE OLIVEIRA, Maria Augusta. *Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): Imagens e Imprensa*. Pelotas: UFPel, 2012. Tese de doutorado.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MAUAD, Ana Maria. *O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual*. ArtCultura (UFU), v. 10, p. 31-48, 2008
- MEDA, Juri. "Invisible schools". The public image of rural schools in Southern Italy in photographic inquiries and photo-reportages (1925-55). *Historia y Memoria de la Educación*, 8 (2018): 347-396.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n.945, p.11-36. 2003.
- MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. n.10 p.75-99. jul./dez. 2005.

NAPOLITANO, Marcos. *A História depois do papel*. In: PINSKY, Carla B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.235-291.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2 n.3, 1989, p.3-15.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Na magia do click: fotografia como engenho e arte, produto e produção da história do país. In: KOSSOY, Boris; SCHWARCZ, Lília. *Um olhar sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p.10-21.

VAN DJICK, José. Digital photography: communication, identity, memory. In: *Visual Communication*. v.7 n.1. p.57-76. 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. In: *História da Educação*, v. 25. p.153-171. 2006.